

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IV

JULHO DE 1861

Nº 7

Ensaio Sobre a Teoria da Alucinação

Os que não admitem o mundo incorpóreo e invisível julgam tudo explicar pela palavra *alucinação*. Sua definição é conhecida: é um erro, uma ilusão da pessoa que acredita ter percepções que realmente não possui (Academia. Do latim *hallucinari*, errar; derivado de *ad lucem*), mas os sábios, ao que sabemos, ainda não deram a razão fisiológica. Parece que a óptica e a fisiologia para eles já não têm segredos. Como é que ainda não explicaram a fonte das imagens que se oferecem ao espírito em certas circunstâncias? Real ou não, o alucinado vê alguma coisa; dir-se-ia que ele crê estar vendo, mas que nada vê? Isto não é provável. Dizei, se quiserdes, que é uma imagem fantástica; seja; mas qual a origem dessa imagem, como se forma e como se reflete em seu cérebro? Eis o que não dizeis. Certamente, quando ele crê estar vendo o diabo com seus chifres e garras, as chamas do inferno, animais fabulosos que não existem, a Lua e o Sol que se batem, é evidente que não há nisto nenhuma realidade. Mas se é um produto de sua imaginação, como é que descreve tais coisas como se estivessem presentes? Há, pois, diante dele um quadro, uma fantasmagoria qualquer; então qual o espelho sobre o qual se reflete essa imagem? Qual a causa que dá a essa imagem a forma, a

cor e o movimento? É o que inutilmente temos procurado a solução na Ciência. Desde que os sábios querem tudo explicar pelas leis da matéria, então que dêem, por essas leis, uma teoria da alucinação; boa ou má, será sempre uma explicação.

Provam os fatos que há verdadeiras aparições, perfeitamente explicáveis pela teoria espírita, e que só podem ser negadas pelos que nada admitem fora do mundo visível. Mas, ao lado das visões reais, haverá alucinações no sentido ligado a esta palavra? Isto não é duvidoso; o essencial é determinar-se os caracteres que as podem distinguir das aparições reais. Qual a sua fonte? São os Espíritos que nos vão colocar nesse caminho, pois a explicação nos parece completa na resposta dada à seguinte pergunta:

– Podem ser consideradas como aparições as figuras e outras imagens que muitas vezes se apresentam no primeiro sono ou simplesmente quando se fecham os olhos?

“Tão logo os sentidos se entorpecem, o Espírito se desprende e pode ver, longe ou perto, o que não poderia ver com os olhos. Por vezes essas imagens são visões, mas também podem ser um efeito das impressões deixadas pela vista de certos objetos no cérebro, que lhes conserva traços, como conserva sons. Então, desprendido, o Espírito vê no próprio cérebro essas impressões, que se lhe fixaram como se o fizessem sobre uma chapa de daguerreótipo. Sua variedade e sua mistura formam conjuntos bizarros e fugidios, que se apagam quase que imediatamente, apesar dos esforços feitos para os reter. É a uma causa semelhante que se devem atribuir certas aparições fantásticas, que nada têm de real, e que muitas vezes se produzem no estado de doença.”

Reconhece-se que a memória é o resultado das impressões conservadas pelo cérebro. Por que singular fenômeno essas impressões, tão variadas, tão multiplicadas, não se

confundem? Eis um mistério impenetrável, mas não menos estranho que o das ondulações sonoras que se cruzam no ar e nem por isso ficam menos distintas. Num cérebro sadio e bem organizado, essas impressões são claras e precisas; em condições menos favoráveis, elas se apagam ou se confundem, como fazem as marcas de um sinete sobre uma substância muito sólida, ou muito fluída. Daí a perda da memória ou a confusão das idéias. Isto parecerá menos extraordinário se se admitir, como em frenologia, uma destinação especial a cada parte, e mesmo a cada fibra do cérebro.

Assim, as imagens que chegam ao cérebro pelos olhos nele deixam uma impressão que faz nos lembrarmos de um quadro, como se o tivéssemos à nossa frente. O mesmo acontece com as impressões dos sons, os odores, os sabores, as palavras, os números, etc. Conforme as fibras e órgãos destinados à recepção e transmissão dessas impressões estejam aptos a conservá-las, tem-se a memória das formas, das cores, da música, dos números, das línguas, etc. Quando se representa uma cena que se viu, não é senão uma questão de memória, porque na realidade não se vê; mas, em certo estado de emancipação, a alma vê no cérebro e nele encontra essas imagens, sobretudo as que mais impressionaram, segundo a natureza das preocupações ou disposições do espírito; aí encontra a impressão de cenas religiosas, diabólicas, dramáticas e outras, que viu em outra época em pintura, em ação, em leitura ou em relatos, porquanto os relatos também deixam impressões. Assim, a alma realmente vê alguma coisa: de alguma sorte é a imagem daguerreotipada no cérebro. No estado normal estas imagens são fugidias e efêmeras, porque todas as partes cerebrais funcionam livremente; mas no estado de doença, o cérebro está sempre mais ou menos debilitado; não existe mais equilíbrio entre todos os órgãos; somente alguns conservam sua atividade, enquanto outros estão de certo modo paralisados. Daí a permanência de certas imagens, que se não mais apagam, como no estado normal, pelas preocupações da vida exterior; eis a verdadeira alucinação, a fonte

primeira das idéias fixas. A idéia fixa é a lembrança exclusiva de uma impressão; a alucinação é a visão retrospectiva, pela alma, de uma imagem impressa no cérebro.

Como se vê, descrevemos esta anomalia aparente por uma lei inteiramente fisiológica, bem conhecida, a das impressões cerebrais; mas sempre nos foi preciso admitir a intervenção da alma, com suas faculdades distintas da matéria. Ora, se os materialistas ainda não podem dar uma solução racional desse fenômeno, é que não querem admitir a alma e que, com o materialismo puro, ele é inexplicável. Assim dirão que nossa explicação é inadequada, porque fazemos intervir um agente contestado. Mas contestado por quem? Por eles, mas admitido pela imensa maioria, desde que há homens na Terra; e a negação de alguns não pode fazer lei.

Nossa explicação é boa? Nós a damos pelo que ela pode valer, à falta de outras e, se quiserem, a título de hipótese, esperando outra melhor; pelo menos ela tem a vantagem de dar à alucinação uma base, um corpo, uma razão de ser, ao passo que, quando os fisiologistas pronunciaram suas palavras sacramentais de superexcitação, de exaltação, de efeitos da imaginação, nada disseram, ou não disseram tudo, por não terem observado todas as fases do fenômeno.

A imaginação também desempenha um papel que é preciso distinguir da alucinação propriamente dita, conquanto essas duas causas muitas vezes estejam reunidas. Ela empresta a certos objetos formas que estes não têm, como faz ver uma figura na Lua ou animais nas nuvens. Sabe-se que, na obscuridade, os objetos assumem formas bizarras, por não se distinguirem todas as suas partes e porque os contornos não são claramente definidos. Quantas vezes, à noite, num quarto, um vestido pendurado, um vago reflexo luminoso, não parecem ter uma forma humana aos olhos das pessoas de maior sangue-frio? Se se juntar o medo ou

uma credulidade exagerada, a imaginação fará o resto. Compreende-se, assim, que a imaginação possa alterar a realidade das imagens percebidas durante a alucinação e emprestar-lhes formas fantásticas.

As verdadeiras aparições têm um caráter que, para o observador experimentado, não permite confundi-las com os efeitos que acabamos de citar. Como podem ocorrer em pleno dia, deve-se desconfiar das que se julga ver à noite, pelo temor de sermos vítima de uma ilusão de óptica. Aliás, nas aparições, como em todos os outros fenômenos espíritos, há o caráter inteligente, que é a melhor prova de sua realidade. Toda aparição que não dá qualquer sinal inteligente pode, com toda certeza, ser posta na categoria das ilusões. Os senhores materialistas devem ver que lhes concedemos a parte mais larga.

Tal como é, nossa explicação dá a razão de todos os casos de visão? Certamente, não, e desafiamos todos os fisiologistas a que dêem uma só, de seu ponto de vista exclusivo, que resolva a todos. Se, então, todas as teorias da alucinação são insuficientes para explicar todos os fatos, é que existe outra coisa além da alucinação propriamente dita, e esse algo não encontra sua solução senão na teoria espírita, que a todos abrange. Com efeito, se se examina com cuidado certos casos de visões muito freqüentes, ver-se-á que é impossível atribuir-lhes a mesma origem que a alucinação. Procurando dar a esta uma explicação plausível, quisemos mostrar em que ela difere da aparição. Num e noutro caso, é sempre a alma que vê, e não os olhos. No primeiro, ela vê uma imagem interior e no segundo uma coisa externa, se assim nos podemos exprimir. Quando uma pessoa ausente, na qual absolutamente não pensamos, e que julgamos com saúde se apresenta espontaneamente quando estamos perfeitamente despertos e vem revelar particularidades de sua morte, ocorrida naquele mesmo instante e da qual, conseqüentemente, não se podia ter conhecimento, tal fato não poderá ser atribuído a uma

lembrança, nem à preocupação do espírito. Supondo se tenham tido apreensões sobre a vida dessa pessoa, restaria ainda por explicar a coincidência do momento da morte com a aparição e, sobretudo, as circunstâncias da morte, coisa que não se pode conhecer, nem prever. Pode-se, pois, classificar entre as alucinações as visões fantásticas, que nada têm de real, mas o mesmo não se dá com as que revelam atualidades positivas, confirmadas pelos acontecimentos. Explicá-las pelas mesmas causas seria absurdo e mais absurdo ainda atribuí-las ao acaso, esta suprema razão dos que nada têm a dizer. Só o Espiritismo lhes pode dar a razão, pela dupla teoria do perispírito e da emancipação da alma. Mas como crê na ação da alma, quando não se admite a sua existência?

Não levando em nenhuma conta o elemento espiritual, a Ciência se acha impotente para resolver uma multidão de fenômenos e cai no absurdo ao querer tudo referir ao elemento material. É principalmente em Medicina que o elemento espiritual desempenha um papel importante; quando os médicos o levarem em consideração, enganar-se-ão com menos freqüência do que agora. Aí extrairão uma luz que os guiará mais seguramente no diagnóstico e no tratamento das doenças. É o que já se pode constatar desde o presente na prática dos médicos espíritas, cujo número aumenta dia a dia. Tendo a alucinação uma causa fisiológica, estamos certos de que encontrarão o meio de a combater. Conhecemos um que, graças ao Espiritismo, está a caminho de descobertas do mais alto alcance, porque lhe deu a conhecer a verdadeira causa de certas afecções rebeldes à Medicina materialista.

O fenômeno da aparição pode produzir-se de duas maneiras: ou é o Espírito que vem encontrar a pessoa que vê, ou é o Espírito desta que se transporta e vai encontrar a outra. Os dois exemplos seguintes nos parecem caracterizar perfeitamente ambos os casos.

Um de nossos colegas nos contava, recentemente, que um oficial seu amigo, estando na África, de repente viu à sua frente o quadro de um cortejo fúnebre: era o de um de seus tios, que residia na França, e que ele não via há muito tempo. Viu distintamente toda a cerimônia, desde a saída da casa mortuária até a igreja e o transporte ao cemitério. Chegou a notar diversas particularidades, das quais não podia ter idéia. Nesse momento estava desperto e, entretanto, num certo estado de absorção, do qual só saiu quando tudo desapareceu. Chocado com a circunstância, escreveu para a França, a fim de obter notícias do tio e soube que este, tendo morrido subitamente, havia sido enterrado no dia e hora em que ocorrera a aparição e com as particularidades que tinha visto. É evidente que, neste caso, não foi o cortejo que veio encontrá-lo; ele é que foi encontrar o cortejo, do qual teve percepção por efeito da segunda vista.

Um médico do nosso conhecimento, o Sr. Félix Mallo, tinha tratado de uma jovem senhora; mas, julgando que o ar de Paris lhe era prejudicial, aconselhou-a a ir passar algum tempo com a família, na província, o que ela fez. Havia seis meses não tinha mais notícias dela, nem pensava mais no caso quando, uma noite, por volta das dez horas, estando em seu quarto, ouviu bater à porta do consultório. Julgando viessem chamá-lo para um doente, disse que entrasse; mas ficou bastante surpreendido ao ver, à sua frente, a jovem senhora em questão, pálida, vestida como a tinha conhecido e que lhe disse com grande sangue-frio: “Sr. Mallo, venho dizer-vos que morri.” E logo desapareceu. Assegurando-se de que estava bem desperto e de que ninguém havia entrado, o médico tomou informações e soube que a mulher havia morrido na mesma noite em que lhe aparecera. Aqui, foi bem o Espírito da senhora que veio encontrá-lo. Os incrédulos não deixarão de dizer que o médico podia estar preocupado com a saúde de sua antiga doente, e que nada há de surpreendente em que previsse a sua morte; seja. Mas que expliquem a coincidência de sua aparição com o momento da morte, já que há muitos meses o médico não mais

ouvira falar dela. Supondo mesmo que tivesse acreditado na impossibilidade de sua cura, poderia prever que ela morresse em tal dia e a tal hora? Devemos acrescentar que ele não é um homem que se deixe abalar pela imaginação.

Eis um outro fato não menos característico, e que não poderia ser atribuído a nenhuma previsão. Um dos nossos associados, oficial da marinha, estava no mar, quando viu seu pai e seu irmão atirados debaixo de uma carruagem: o pai morto e o irmão sem haver sofrido nenhum mal. Quinze dias depois, tendo desembarcado na França, seus amigos tentaram prepará-lo para receber a triste notícia. – “Não tomai tantas precauções – disse ele – sei o que ides dizer: Meu pai morreu; há quinze dias que o sei.” Realmente, seu pai e seu irmão, estando em Paris, desciam de carruagem os Campos Elísios; o cavalo assustou-se, o carro quebrou-se, o pai morreu e o irmão apenas sofreu algumas contusões. Esses fatos são positivos, atuais, e não se dirá que sejam lendas da Idade Média. Se cada um recolhesse suas lembranças, ver-se-ia que tais fatos são mais freqüentes do que se imagina. Perguntamos se alguns deles têm os caracteres da alucinação. Pedimos aos materialistas que dêem uma explicação do fato relatado no artigo seguinte.

Uma Aparição Providencial

Lê-se no *Oxford Chronicle*, de 1º de junho de 1861:

“Em 1828 um navio que fazia viagens de Liverpool a New-Brunswick tinha como oficial substituto o Sr. Robert Bruce. Estando perto dos bancos na Terra-Nova, o capitão e o seu imediato calculavam um dia de sua rota, o primeiro em sua cabina e o outro na câmara ao lado. As duas peças eram dispostas de modo que eles podiam ver-se e falar-se. Bruce, absorvido em seu trabalho, não percebeu que o capitão havia subido para a ponte; sem olhar,

lhe disse: “Encontro tal longitude; como está a vossa?” Não obtendo resposta, repete a pergunta, mas inutilmente. Então avança em direção à porta da cabina e vê um homem sentado no lugar do capitão e escrevendo numa ardósia. O indivíduo se volta, olha Bruce fixamente e este, terrificado, lança-se para a ponte. – Capitão, disse ele assim que o alcançou, quem é que neste momento está à vossa escrivaninha na cabina? – Mas ninguém, presumo. – Eu vos garanto que há um estranho. – Um estranho! Sonhais Sr. Bruce; Quem ousaria meter-se em minha secretária sem minhas ordens? Talvez tenhais visto o contramestre ou o intendente. – Senhor, trata-se de um homem sentado em vossa poltrona e escrevendo em vossa ardósia. Ele me olhou na cara e eu o vi distintamente, ou jamais vi alguém neste mundo. – Ele! quem? – Só Deus o sabe, senhor! Eu vi esse estranho que, em minha vida, jamais houvera visto em qualquer parte. – Vós vos tornastes louco, Sr. Bruce. Um estranho! e lá se vão seis semanas que estamos no mar. – Eu sei; contudo o vi. – Muito bem! Ide ver quem é. – Capitão, sabeis que não sou um poltrão; não creio em aparições; entretanto, confesso que não desejaria vê-lo só e de frente. Gostaria que fôssemos ambos. O capitão desceu primeiro, mas não encontrou ninguém. – Vede bem, disse ele, que sonhastes. – Não sei como é isto, mas juro que há pouco ele estava lá e escrevia em vossa ardósia. – Neste caso, deve haver algo escrito nela. Tomou a ardósia e leu estas palavras: *Dirigi para o noroeste*. Tendo feito Bruce escrever as mesmas palavras, assim como todos os homens da tripulação que sabiam escrever, constatou o capitão que a letra da ardósia não se assemelhava à de nenhum deles. Procuraram por todos os cantos do navio e não descobriram nenhum estranho. Tendo consultado para saber se devia seguir o conselho misterioso, o capitão resolveu mudar de direção e navegou para noroeste, depois de ter posto como vigia um homem de confiança. Por volta das três horas foi assinalado um bloco de gelo, depois um navio desmastreado sobre o qual havia vários homens. Aproximando mais, soube-se que o navio estava quebrado, as provisões esgotadas, a tripulação e os passageiros esfomeados. Enviaram barcos para os

recolher. Mas no momento em que chegaram a bordo, o Sr. Bruce, para sua grande estupefação, reconheceu entre os náufragos o homem que tinha visto na cabina do capitão. Logo que foi acalmada a confusão e o navio retomou sua rota, o Sr. Bruce disse ao capitão: – Parece que não foi um Espírito que vi hoje; ele está vivo; o homem que escrevia em vossa ardósia é um dos passageiros que acabamos de salvar. Ei-lo. Eu juraria perante a justiça.

“Dirigindo-se ao referido homem, o capitão o convidou a descer à sua cabina e lhe pediu que escrevesse na ardósia, do lado oposto àquele onde se achava a escrita misteriosa: *Dirigi para o noroeste*. Intrigado por esse pedido, o passageiro, entretanto, com ele se conformou. Tomando a ardósia, o capitão virou-a, sem nada transparecer no semblante, e, mostrando ao passageiro as palavras escritas antes, disse-lhe: – É mesmo a vossa letra? – Sem dúvida, pois acabo de escrever diante de vós. – E esta aqui? acrescentou, mostrando o outro lado. – Também é a minha letra; mas não sei como aconteceu isto, pois só escrevi de um lado. – Meu substituto, aqui presente, julga vos ter visto hoje, ao meio-dia, sentado a esta mesa e escrevendo estas palavras. – É impossível, porque só há poucos instantes me trouxeram para este navio.

“O capitão do navio naufragado, interrogado sobre este homem e sobre o que se teria passado de extraordinário com ele, pela manhã, respondeu: – Não o conheço senão como um de meus passageiros; mas pouco antes do meio-dia ele caiu num sono profundo, do qual só saiu depois de uma hora. Durante o sono ele exprimiu a confiança de que logo iríamos ser resgatados, dizendo que se via a bordo de um navio, cuja espécie e enxárcia descreveu, em tudo conforme ao que tivemos à vista alguns momentos depois. O passageiro acrescentou que não se lembrava de haver sonhado, nem de ter escrito o que quer que fosse, mas apenas que conservara, ao despertar, um pressentimento que não sabia explicar, de que um navio lhes viria em socorro. Uma coisa estranha, disse ele, é que tudo quanto está neste navio me parece

familiar e, entretanto, estou certo de jamais o ter visto. Acerca disso o Sr. Bruce lhe contou as circunstâncias da aparição que havia tido e eles concluíram que o fato era providencial.”

Esta história é perfeitamente autêntica. O Sr. Robert Dale Owen, antigo ministro dos Estados Unidos em Nápoles, que igualmente a relata em sua obra, cercou-se de todos os documentos que pudessem constatar a sua veracidade. Perguntamos se ela possui alguns dos caracteres da alucinação! Que a esperança, que jamais abandona os infelizes, tenha seguido o passageiro em seu sono e lhe tenha feito sonhar que lhes vinham socorrer, compreende-se. A coincidência do sonho com o socorro podia ainda ser um efeito do acaso; mas como explicar a descrição do navio? Quanto ao Sr. Bruce, ele está certo de que não sonhava. Se a aparição fosse uma ilusão, como explicar essa semelhança com o passageiro? Se ainda fosse o acaso, a escrita na ardósia é um fato material. De onde vinha o conselho, dado por esse meio, de navegar na direção dos naufragos, contrariando a rota seguida pelo navio? Que os defensores da alucinação tenham a bondade de dizer como, com o seu sistema exclusivo, poderão dar a razão de *todas* essas circunstâncias. Nos fenômenos espíritas provocados eles têm o recurso de dizer que há trapaça; mas aqui é pouco provável que o passageiro tenha representado uma comédia. É nisto que os fenômenos espontâneos, quando apoiados em testemunhos irrecusáveis, são de grande importância, por não se poder suspeitar de nenhuma conivência.

Para os espíritas, este fato nada tem de extraordinário, porque o compreendem. Aos olhos dos ignorantes parecerá sobrenatural, maravilhoso. Para quem conhece a teoria do perispírito, da emancipação da alma nos vivos, ele não sai das leis da Natureza. Um crítico divertiu-se muito com a história do homem da tabaqueira, relatada na *Revista* de março de 1859, dizendo que era efeito da imaginação da mulher doente. Que tem ela de mais impossível que esta? Os dois fatos explicam-se

exatamente pela mesma lei que rege as relações entre o Espírito e a matéria. Além disso, perguntamos a todos os espíritas que estudaram a teoria dos fenômenos se, lendo o fato que acabamos de referir, sua atenção não foi imediatamente conduzida sobre a maneira pela qual deve ter-se produzido; se não encontraram a explicação; se, com tal explicação não concluíram pela possibilidade e se, em consequência dessa possibilidade, não se interessaram mais do que se o devessem aceitar apenas pelos olhos da fé, sem acrescentar o assentimento da inteligência? Os que nos censuram por havermos dado esta teoria se esquecem de que ela é o resultado de longos e pacientes estudos que, como nós, eles poderiam ter feito, trabalhando tanto quanto o temos feito e fazemos todos os dias; que, dando os meios de compreender os fenômenos, nós lhes demos uma base, uma razão de ser, que silenciaram mais de um crítico e contribuíram, em grande parte, para a propagação do Espiritismo, considerando que se aceita com mais boa vontade aquilo que se compreende do que aquilo que não se compreende.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

OS AMIGOS NÃO NOS ESQUECEM NO OUTRO MUNDO

Um dos nossos assinantes nos envia a conversa seguinte, que teve com um de seus amigos, cuja perda lhe fora muito sentida, através de um médium estranho, já que ele mesmo não é médium. Além da notável elevação dos pensamentos, há de notar-se que os laços formados na Terra, quando sinceros, não são rompidos pela morte.

Primeira conversa – 28 de dezembro de 1860

1. Evocação – Súplica ao Espírito Jules P..., que me foi tão caro, para vir comunicar-se comigo.

Resp. – Caro amigo, acudo ao teu apelo com tanta

maior solicitude quanto não esperava poder comunicar-me contigo senão em tempo ainda recuado pela vontade de Deus. Quanto me é agradável ver esse tempo abreviado por tua vontade e poder dizer-te o quanto a provação que sofri na Terra serviu ao meu progresso! Embora ainda errante, sinto-me completamente feliz, sem outro pensamento que o do entusiasmo pelas obras de Deus, que me permite desfrutar de todos os prodígios que Ele houve por bem colocar à minha disposição, deixando-me esperar uma reencarnação num mundo superior, onde seguirei a gradação afortunada que me levará à suprema felicidade. Possas tu, caro amigo, ouvindo-me, ver em minhas palavras um presságio do que te espera! No último dia, virei tomar-te a mão para te mostrar a via que já percorro desde algum tempo com tanta alegria. Encontrar-me-ás como guia, como na vida terrestre me encontraste como amigo fiel.

2. Posso contar com o teu concurso, caro amigo, para alcançar o objetivo feliz que me deixas entrever?

Resp. – Fica tranqüilo; farei o possível para que avances neste caminho onde ambos nos encontraremos com tanta emoção e prazer. Como outrora, virei dar-te todas as provas de bondade de coração a que sempre foste tão sensível.

3. Por tua linguagem devo concluir que és muito mais feliz do que em tua última existência?

Resp. – Sem contradita, meu amigo, muito feliz, e jamais o poderia repetir bastante. Que diferença! Não mais aborrecimentos, não mais tristeza, não mais sofrimentos corporais e morais; e, com isto, a visão de tudo o que nos foi caro! Muitas vezes eu estava contigo, ao teu lado. Quantas vezes te segui em tua carreira! Eu te via quando não me supunhas tão perto de ti, já que me julgavas perdido para sempre. Meu caro amigo, a vida é preciosa para o Espírito, tanto mais preciosa quanto suave; e, como na Terra, pode fazê-la servir ao seu adiantamento celeste. Fica bem persuadido de que tudo se harmoniza nos decretos divinos para tornar as criaturas de Deus mais felizes e que basta, de sua parte,

ter um coração para amar e curvar a cabeça para ser humilde. Então se eleva mais alto do que poderia esperar.

4. Que desejas de mim, que te possa causar prazer?

Resp. – Teu pensamento ornado de uma flor.

Nota – Tendo-se estabelecido uma discussão sobre o sentido desta resposta, o Espírito acrescentou:

Quando digo teu pensamento ornado de uma flor, digo que, colhendo flores, deves pensar algumas vezes em mim. Hás de compreender que quero, tanto quanto possível, fazer-me notar por um de teus sentidos, tocando-te agradavelmente.

5. Adeus, caro amigo. Aproveitarei com prazer a próxima ocasião que tiver de te evocar.

Resp. – Esperarei com impaciência. Até mais ver, caro amigo.

Segunda conversa – 31 de dezembro

6. Evocação – Novo pedido ao meu amigo para vir dar-me uma comunicação no interesse de minha instrução.

Resp. – Eis-me de novo, caro amigo; não peço mais do que vir dizer-te ainda uma vez o quanto me foste caro. Quero dar-te uma prova disso, elevando-me às mais altas considerações. Sim, meu amigo, a matéria nada é; trata-a duramente; nada temas, o Espírito é tudo. Só ele se perpetua e jamais deve cessar de viver, nem de percorrer os caminhos que Deus lhe traça. Por vezes se detém em bordas escarpadas para retomar o fôlego; mas quando volta os olhos para o Criador retoma coragem e rapidamente supera as dificuldades que encontra, eleva-se e admira a bondade de seu Senhor, que lhe distribui providencialmente as energias de que tem necessidade. Então avança; o empíreo se apresenta aos seus olhos, ao seu coração; ele marcha e logo se torna digno do destino celeste que entrevê. Caro amigo, nada mais temas; sinto em mim a coragem redobrada, as forças decuplicadas, desde que deixei a

Terra. Não mais duvido da felicidade predita que, comparada à que desfruto, será tão superior quanto a mais brilhante das pedras preciosas o é ao mais simples anel. Assim, vêes quanto há de grandeza nas vontades celestes, e que será muito difícil para os seres humanos apreciar e pesar os seus resultados! Vossa linguagem dificilmente nos serve quando queremos exprimir o que vos deve parecer incompreensível.

7. Nada tens a acrescentar aos belos pensamentos que acabas de expressar?

Resp. – Sem dúvida não terminei; mas quis dar-te uma prova de minha identidade. Quando quiseres, eu te darei outras.

Observação – Estas provas de identidade são aqui todas morais e não resultam de nenhum sinal material, nem de nenhuma dessas questões pueris que muitas vezes algumas pessoas fazem com esse propósito. As provas morais são melhores e mais seguras, uma vez que os sinais materiais sempre podem ser imitados por Espíritos enganadores. Aqui, o Espírito se deixa reconhecer por seus pensamentos, seu caráter, sua elevação e a nobreza do estilo. Certamente um Espírito enganador poderia, quanto a este aspecto, tentar a contrafação, mas jamais passaria de uma imitação grosseira; como lhe faltaria o fundo, ele não poderia imitar senão a forma, nem representar por muito tempo o seu papel.

8. Visto estares nesta disposição benevolente, eu me sentiria feliz de aproveitá-la agora e te peço a gentileza de continuar.

Resp. – Eu te direi: Abre o livro de teus destinos; o Evangelho, meu amigo, far-te-á compreender muitas coisas que eu não saberia expressar. Deixa a letra; toma o Espírito desse livro sagrado e nele encontrarás todas as consolações necessárias ao teu coração. Não te inquietes com os termos obscuros; busca o pensamento e teu coração o interpretará como deve interpretar. Agora estou mais bem informado e te confesso o erro em que nós, Espíritos, incorríamos ao considerá-lo tão friamente quando vivos.

Felizmente, hoje reconheço que, impulsionado pelo meu bom coração, teria podido, entendendo melhor os ensinamentos preciosos que o divino Mestre nos deixou, neles haurir o socorro que me faltava.

9. Obrigado e adeus, caro amigo; aproveitarei com prazer a primeira ocasião que tiver para te evocar.

Resp. – Não duvides de que então virei, como venho hoje. Farei o melhor que puder.

Correspondência

CARTA DO PRESIDENTE DA SOCIEDADE ESPÍRITA DO MÉXICO

México, 18 de abril de 1861.

Ao Senhor Allan Kardec, em Paris.

Senhor,

Meu amigo Sr. Viseur, em sua penúltima carta, manifesta-me o desejo que teríeis de conhecer o objetivo e as tendências da Sociedade Espírita que presido no México. É com imenso prazer e a mais viva simpatia por vossas profundas luzes no tocante a esta matéria que vos dirijo esta breve exposição da história do Espiritismo neste país, suplicando não apenas que leveis em consideração a nossa fraca experiência, mas, também, que nos conteis entre vós como fervorosos adeptos.

Muito tempo depois de vós, senhor, tivemos a felicidade de conhecer a suave verdade de que os Espíritos ou almas das pessoas mortas podem comunicar-se com os vivos. Não obstante algumas publicações vindas do Norte, nossa atenção e curiosidade não haviam despertado e não nos havíamos dado ao trabalho de procurar o que entendiam por manifestações espirituais. Foi o vosso *O Livro dos Espíritos*, felizmente chegado

entre nós, que nos abriu os olhos e nos convenceu da realidade dos fatos que se propagam com tanta rapidez em todos os pontos do globo, fazendo-nos compreendê-los. Começamos então a fazer pesquisas e experiências, assumindo a tarefa de, por um trabalho constante, nos adestrarmos para receber as manifestações. Os conselhos que haurimos em vosso excelente livro fizeram-nos conhecer esta grande verdade: após a morte a alma existe e podemos entrar em comunicação com as que nos foram caras na Terra.

Eu não renderia homenagem à verdade se vos dissesse que fomos aqui os primeiros a ter conhecimento das manifestações. Várias pessoas de nossa cidade já se ocupavam delas, o que só soubemos mais tarde. O princípio da reencarnação é o que mais nos surpreendeu, inicialmente; mas as nossas comunicações com os Espíritos de uma ordem que, por sua linguagem, reconhecemos ser superiores, não nos permitiram duvidar de uma crença que tudo prova estar na ordem das coisas e conforme à onipotente justiça de Deus. Um fato que prova a bondade e a superioridade dos Espíritos que nos assistem é que eles restabelecem a saúde dos que sofrem corporalmente e proporcionam calma e resignação às aflições espirituais. A simples lógica nos diz que o bem não poderá vir senão de uma boa fonte; mas seríamos muito presunçosos se nos impuséssemos como campeões capacitados desta sublime doutrina. Cabe a vós, senhor, o direito de nos esclarecer, como provam os trabalhos oriundos do seio de vossa Sociedade.

Formamos uma sociedade composta de membros experimentados na crença espírita e recebemos em sua intimidade todo indivíduo que quer ser esclarecido. As leis fundamentais que nos regem são a unidade de princípios, a fraternidade entre os membros e a caridade para com todos os que sofrem. Eis, senhor, como as idéias espíritas se espalharam neste país e, podemos dizer com satisfação, se propagaram além de nossas esperanças. Caso julgueis conveniente guiar-nos com os vossos bons conselhos,

sempre os receberemos com vivo reconhecimento e como um testemunho de simpatia de vossa parte.

Aceitai, etc.

Ch. Gourgues

No mesmo dia em que nos chegou esta carta do México, recebemos a seguinte, de Constantinopla:

Constantinopla, 28 de maio de 1861.

Ao Sr. Allan Kardec, diretor da REVISTA ESPÍRITA.

Senhor,

Permiti-me vir, no meu e no nome pessoal de meus amigos e irmãos espiritualistas desta cidade, oferecer-vos dois singelos presentes, como lembrança, não de pessoas que ainda não conheceis, e que só têm tido a honra de vos conhecer por vossas obras, mas que aceitareis como testemunho dos sentimentos de confraternização, que devem unir os espiritualistas de todos os países. Aceitá-los-eis, também, porque são uma prova dos fenômenos tão sublimes quanto extraordinários do Espiritismo. Aceitareis e lhes dareis a honra de um quadro à nossa boa Sofia, pois é no seu e no nome de sua irmã Angélica que o Espiritismo se desenvolve e se propaga em Constantinopla, esta capital do Oriente, tão emocionante por suas lembranças históricas. Verdadeira Torre de Babel, é a cidade que reúne todas as seitas religiosas, todas as nações, e na qual se falam todas as línguas. Imaginai o Espiritismo se propagando de repente em meio a tudo isto... Que imenso ponto de partida! Somos ainda em reduzido número, mas este número aumenta dia a dia, como se fora uma bola de neve. Espero que, em pouco tempo, seremos contados às centenas.

As manifestações que obtivemos até hoje são o levantamento das mesas, das quais uma, de mais de 100 quilos, ergueu-se como uma pluma acima de nossas cabeças; golpes

diretos, batidos por Espíritos; fenômenos de transportes, etc. Estamos ensaiando as aparições de Espíritos, visíveis para todos; conseguiremos? Eles nos prometeram e nós aguardamos. Já temos um grande número de médiuns escreventes; outros fazem desenhos; outros ainda compõem trechos musicais, mesmo quando ignoram essas diferentes artes. Vimos, seguimos e estudamos diversos Espíritos de todos os gêneros e qualidades. Alguns de nossos médiuns têm visões e êxtases; outros, mediunizados, executam árias ao piano, inspirados pelos Espíritos. Duas senhoritas, que jamais viram ou nada leram sobre o magnetismo, magnetizam toda espécie de males, pela ação dos Espíritos, que as fazem agir da maneira mais científica possível.

Eis, senhor, de relance, o que temos feito em matéria de Espiritismo até hoje. Para que melhor possais julgar os nossos trabalhos, no que diz respeito às revelações espirituais, apresentamos o resultado de algumas sessões por intermédio da mesa.

[Seguem-se diversas comunicações morais de ordem muito elevada, cuja leitura a Sociedade ouviu com o mais vivo interesse].

Se julgardes que essas revelações possam interessar à propagação da nova ciência espiritualista, ou espírita – porque para mim, como para meus amigos, o título nada significa, pois nem muda a forma nem o fundo – terei o prazer de vos enviar algumas mensagens instrutivas e concludentes, do ponto de vista da prova das manifestações espirituais.

Em breve todos os espiritualistas da Terra formarão um só feixe, uma só e mesma família. Não somos todos irmãos e filhos do mesmo pai, que é Deus? Eis os primeiros princípios que os espiritualistas devem pregar ao gênero humano, sem distinção de classe, país, língua, seita ou fortuna.

Aceitai, etc.

Esta carta fazia-se acompanhar de um desenho, representando uma cabeça em tamanho natural, muito bem executado, embora o médium não soubesse desenhar, bem como de um trecho musical, letras, canto e acompanhamento de piano, intitulado *Espiritualismo*; o conjunto com esta dedicatória: “Oferta em nome dos espiritualistas de Constantinopla ao Sr. Allan Kardec, diretor da *Revista Espírita*, de Paris.”

No fragmento de música, só o canto e a letra foram obtidos por via mediúnica; o acompanhamento foi feito por um artista.

Se publicássemos todas as cartas de adesão que recebemos, precisaríamos consagrar-lhes volumes e mais volumes. Ver-se-ia repetida, milhares de vezes, uma tocante expressão de reconhecimento à Doutrina Espírita. Muitas dessas cartas, aliás, são bastante íntimas para serem publicadas. As duas que reproduzimos acima têm um interesse geral, como prova da expansão que, por todos os lados, toma o Espiritismo, e do ponto de visto sério sob o qual é, agora, encarado, muito longe, como se vê, do entretenimento das mesas girantes. Por toda parte compreendem-lhe as conseqüências morais e o consideram como a base providencial das reformas prometidas à Humanidade. Sentimo-nos felizes por dar assim um testemunho de simpatia e de encorajamento aos nossos confrades distantes. Este laço, que já existe entre os espíritas dos diferentes pontos do globo, e que não se conhecem senão pela conformidade da crença, não é um sintoma do que será mais tarde? Esse laço é uma conseqüência natural dos princípios que decorrem do Espiritismo; só pode ser rompido pelos que lhe desconhecem a lei fundamental: a caridade para com todos.

Desenhos Misteriosos

NOVO GÊNERO DE MEDIUNIDADE

Sob esse título, o *Herald of Progress*, de Nova Iorque, jornal consagrado a assuntos espiritualistas e dirigido por Andrew Jackson Davis, contém a seguinte narrativa:

“Em 22 de novembro último, o Dr. Hallock, juntamente com outras pessoas, foi convidado à casa da Sra. French, 4ª Avenida, nº 8, para testemunhar diversas manifestações espíritas e ver as evoluções de um lápis de grafite. Por volta das oito horas a Sra. French deixou o cômodo onde o grupo estava reunido e sentou-se num canapé, localizado em gabinete contíguo. Não abandonou esse lugar durante toda a reunião. Pouco depois de sentar-se, pareceu entrar numa espécie de êxtase, com os olhos fixos e desviados. Pediu ao Dr. Hallock e ao professor Britton que examinassem o quarto. Eles encontraram sobre o leito, defronte do lugar onde ela estava sentada, uma pasta amarrada com uma fita de seda e uma garrafa de vinho para servir à experiência. O papel que seria utilizado para fazer os desenhos estava na pasta. Fomos convidados – diz o Dr. Hallock – a não tocar na pasta, nem na garrafa. Vários lápis e dois pedaços de goma elástica encontravam-se igualmente sobre o leito, mas no resto do aposento não havia desenhos, nem papel. Após esta pesquisa a Sra. French pediu ao Sr. Cuberton que tomasse a pasta e a levasse para a sala ocupada pelos convidados, abrisse-a e tirasse o conteúdo. Havia papel comum, do qual seis folhas de diferentes tamanhos foram tomadas das mãos do Sr. Cuberton pela Sra. French e postas sobre uma mesa situada diante dela. Esta pediu alfinetes e, tomando uma tira de papel de 5 ou 6 polegadas de comprimento, que colocou na borda inferior do papel, prendeu as duas bordas deste à tira. Feito isto, alguém foi solicitado a tomar o papel e fazer fosse ele examinado pelos assistentes, segurasse a tira e os alfinetes e lhe devolvesse a folha. A mesma coisa foi feita com as outras folhas, e cada vez os alfinetes eram postos em número e em locais

diferentes; as folhas eram entregues, uma a uma, a outra pessoa, com vistas a reconhecer o papel por meio dos traços, que deviam corresponder aos das tiras. Depois de examinadas todas as folhas e devolvidas à Sra. French, o Sr. Cuberton pegou o vinho e lho entregou. Ela pôs as folhas sobre a mesa e derramou, sobre cada uma delas, uma quantidade de vinho suficiente para molhá-la completamente, espalhando-o com a palma da mão. Em seguida tratou de secá-las, pressionando uma por uma das folhas, enrolando-as, soprando acima e as agitando no ar. Isto durou alguns minutos; depois baixou o pavio do lampião e mandou os convidados se aproximarem. É preciso dizer que durante a operação de molhagem, uma das folhas de papel tinha ficado muito seca, sendo necessário recomeçar o trabalho. (O vinho era uma simples mistura de suco de uvas e açúcar, autorizado pelo Estado e produzido na Nova Inglaterra). Então a Sra. French fez restabelecer a luz e pediu às pessoas que viessem sentar-se junto à porta onde ela estava: o Sr. Gurney, o professor Britton, o Dr. Warner e o Dr. Hallock estavam a seis pés dela e os outros em plena vista.

“Pondo uma das folhas sobre a mesa à sua frente, ela colocou vários lápis entre os dedos; o Dr. Hallock não a perdeu de vista, como houvera prometido. Estando tudo pronto, a Sra. French, para advertir que a experiência ia começar, exclamou: *Time* (tempo); então foi visto um movimento rápido da mão e, durante certo momento, das duas mãos; ouviu-se um ruído vivamente repetido sobre o papel; os lápis e o papel foram atirados a alguma distância no assoalho, por uma espécie de movimento nervoso; tudo isso durou vinte e um segundos. O desenho representa um buquê de flores, composto de jacintos, lírios, tulipas, etc.

“Operaram sucessivamente em outras folhas. O nº 2 é também um grupo de flores. O nº 3 é um belo cacho de uvas, com seu talo, folhas, etc.; foi feito em vinte e um segundos. O nº 4 é um talo e folhas com cinco grupos de frutas parecidas com damascos; as folhas são uma espécie de musgo. Quando se preparou para esta

folha, a Sra. French perguntou quanto tempo lhe davam para a execução; uns disseram dez segundos; outros, menos. Bem, disse a Sra. French, quando eu disser: *um*, olhai vossos relógios; à palavra *quatro* o desenho estará terminado. Atenção! um, dois, três, quatro: o desenho foi feito, isto é, em quatro segundos. O nº 5 representa um ramo de groselheira, do qual partem doze cachos de groselhas verdes, com flores e folhas, cercadas de folhas de uma outra espécie. O desenho foi apresentado pela Sra. French, em êxtase, ao Sr. Bruckmaster, de Pittsburg, como vindo do Espírito de sua irmã, em cumprimento da promessa que ela lhe havia feito. O tempo gasto foi de dois segundos. O nº 6, que pode ser considerado como a obra-prima da série, é um desenho de nove polegadas por quatro; consiste em flores e folhagens brancas sobre fundo escuro, isto é, o desenho é da cor natural do papel, os contornos marcados e os interiores coloridos a lápis. Exceto dois outros desenhos produzidos da mesma maneira em outra ocasião, são sempre a lápis sobre fundo branco. No centro desse grupo de flores e na parte inferior da página existe uma mão segurando um livro aberto, de uma polegada e um quarto por três quartos; os cantos não são exatamente em ângulos retos; mas o que é muito curioso, os furos dos alfinetes, feitos anteriormente para reconhecer o papel, marcam os quatro cantos do livro. No alto da página esquerda está escrito: *Galatians vi* e, a seguir, os seis primeiros versículos e uma décima sexta parte deste capítulo, cobrindo quase as duas páginas inteiras, em caracteres muito legíveis, com boa luz, a olho nu ou com uma lupa. Conta-se mais de cem palavras bem escritas. O tempo gasto foi de treze segundos. Quando se constatou a coincidência dos furos do papel com os da tira, a Sra. French, ainda em êxtase, pediu aos presentes que certificassem por escrito o que acabavam de ver. Então foi escrito à margem do desenho o seguinte: “Executado em treze segundos, em nossa presença, pela Sra. French; certificado pelos abaixo-assinados. 22 de novembro de 1860, 4ª Avenida, nº 8. Seguem-se dezenove assinaturas.”

Não temos nenhum motivo para duvidar da autenticidade do fato, nem suspeitar da boa-fé da Sra. French, que não conhecemos. Mas é de convir que essa maneira de proceder teria algo de pouco convincente para os nossos incrédulos, que não deixariam de fazer objeções e de dizer que todos os preparativos teriam um ar de familiaridade com a prestidigitação, que faz as mesmas coisas, aparentemente sem tantos embaraços. Confessamos estar um pouco de acordo com eles. Que os desenhos tenham sido feitos, é incontestável; somente a origem não nos parece provada de maneira autêntica. Seja como for, admitindo-se que não tenha havido nenhuma fraude, é, sem a menor dúvida, um dos mais curiosos fatos de *escrita e de desenhos diretos*, dos quais a teoria nos explica a possibilidade. Sem essa teoria semelhantes fatos seriam, à primeira vista, relegados como fábulas ou manobras de prestidigitação. Mas, pelo fato mesmo de nos dar a conhecer as condições nas quais os fenômenos podem produzir-se, ela deve tornar-nos tanto mais circunspetos para não os aceitar senão com conhecimento de causa.

Decididamente os médiuns americanos têm uma especialidade para a produção de fenômenos extraordinários, pois os jornais do país estão cheios de uma porção de fatos do gênero, de que nossos médiuns europeus estão longe de se aproximarem. Assim, do outro lado do Atlântico, dizem que ainda estamos muito atrasados em *Espiritismo*. Quando perguntamos aos Espíritos a razão dessa diferença, eles responderam: “A cada um o seu papel; o vosso não é o mesmo, e Deus não vos reservou a menor parte na obra de regeneração.” A considerar o mérito dos médiuns pelo ponto de vista da rapidez da execução, pela energia e pelo poder dos efeitos, os nossos são apagados ao lado daqueles; entretanto, conhecemos muitos que não trocariam as simples e consoladoras comunicações que recebem, pelos prodígios dos médiuns americanos. Elas bastam para lhes dar a fé, e eles preferem o que toca a alma ao que lhes fere os olhos; a moral que consola e torna melhor, aos fenômenos que impressionam. Por um instante, na

Europa, preocuparam-se com os fatos materiais; mas logo os deixaram de lado pela Filosofia, que abre um campo mais vasto ao pensamento e tende para o objetivo final e providencial do Espiritismo: a regeneração social. Cada povo tem seu gênio particular e suas tendências especiais e cada um, nos limites que lhe são assinalados, concorre para os planos da Providência. O mais adiantado será aquele que marchar mais depressa na via do progresso moral, porquanto é este que mais se aproximará dos desígnios de Deus.

Exploração do Espiritismo

A América do Norte reivindica, a justo título, a honra de ter sido a primeira nos últimos tempos a revelar as manifestações de além-túmulo. Por que não deveria ser ela a primeira a dar o exemplo do tráfico e por que, nesse povo tão adiantado sob tantos aspectos, e tão digno de nossa simpatia, o instinto mercantil não se tenha detido no limiar da vida eterna? Quando lemos seus jornais, em cada página vemos anúncios como estes:

“Srta. S. E. Royers, sonâmbula, médium-médico, cura psicologicamente por simpatia. Tratamento comum, se necessário. – Descrição da fisionomia, da moralidade e do Espírito das pessoas. Das dez horas ao meio-dia; das duas às cinco da tarde; das sete às dez da noite, exceto às sextas, sábados e domingos, a não ser por acordo antecipado. Preço: 1 dólar por hora (5 fr. 42 c.)”

Pensamos que a simpatia do médium por seus doentes deve estar na razão direta da quantidade de dólares que lhe pagam. Julgamos supérfluo dar os endereços.

“Srta. E. C. Morris, médium escrevente. Das dez horas ao meio-dia; das duas às quatro da tarde; de sete às nove da noite.”

“J. B. Conklin, médium. Recebe visitantes em seus salões todas as noites. Atende em domicílio.”

“A. C. Styles, médium lúcido. Garante o diagnóstico exato da doença da pessoa presente, mediante pagamento. Regras estritamente observadas: Para um exame lúcido e prescrições, com a pessoa presente, 2 dólares; para descrições psicométricas dos caracteres, 3 dólares. Não esquecer que as consultas são pagas antecipadamente.”

“Aos amadores do Espiritismo. Srta. Beck, médium *crisiáco*, falando, soletrando, batendo e raspando. Os verdadeiros observadores podem consultá-la das nove horas da manhã às dez horas da noite, em sua casa. Um médium batedor muito poderoso está associado à Srta. Beck.”

Pensam que tal comércio só seja feito por especuladores obscuros e ignorantes? Eis o que prova o contrário:

“O Dr. G. A. Redman, médium experiente, está de volta a Nova Iorque. É encontrado em seu domicílio, onde recebe como outrora.”

O tráfico do espiritualismo estendeu-se até os objetos comuns. Assim, lemos no *Spiritual Telegraph*, de Nova Iorque, o anúncio de “*Fósforos Espirituais*; nova invenção sem fricção e sem cheiro.”

O que é mais honroso para esse país do que esses anúncios é o artigo seguinte, que encontramos no *Weekly American*, de Baltimore, de 5 de fevereiro de 1859:

“*Estatística do Espiritualismo*. O *Spiritual Register*, de 1859, estima em 1.284.000 o número de espiritualistas nos Estados Unidos. Em Maryland há 8.000. O número total no mundo é avaliado em 1.900.000. O *Register* conta 1.000 oradores espi-

ritualistas; 40.000 médiuns públicos e privados; 500 livros e brochuras; 6 jornais hebdomadários, 4 mensais e 3 quinzenais, consagrados a essa causa.”

Os médiuns especuladores ganharam a Inglaterra. Em Londres contam-se diversos que não cobram menos de um guinéu por sessão. Caso se aventurem a introduzir-se na França, esperamos que o bom-senso dos verdadeiros espíritas lhes faça justiça.

A produção dos efeitos materiais mais excita a curiosidade do que toca o coração. Daí, nos médiuns com aptidão especial para obter tais efeitos, uma propensão para explorar essa curiosidade. Os que apenas recebem comunicações morais de ordem elevada têm uma instintiva repugnância por tudo quanto cheira a especulação desse gênero. Para isso há nos primeiros um duplo motivo: primeiro, porque a exploração da curiosidade é mais lucrativa, pois os curiosos são abundantes em todo o país; depois, porque os fenômenos físicos, agindo menos sobre o moral, há neles menos escrúpulos. Aos seus olhos, sua faculdade é um dom que deve sustentá-los na vida, como uma bela voz para um cantor; a questão moral é secundária ou nula. Desse modo, uma vez neste caminho, o atrativo do ganho desenvolve o gênio da astúcia; como é preciso ganhar dinheiro, não se quer falhar na reputação de habilidade, cometendo trapalhadas. Aliás, quem garante que o cliente que hoje vem voltará amanhã? É preciso, pois, satisfazê-lo a qualquer preço; se o Espírito não colabora, o médium vem em seu auxílio, o que de outro modo é muito mais fácil para as coisas materiais do que para as comunicações inteligentes, de elevado alcance moral e filosófico. Para os primeiros, a prestidigitação tem recursos que faltam absolutamente aos outros. Eis por que dizemos que é preciso considerar, antes de tudo, a moralidade do médium; que a melhor garantia contra a trapaça está em seu caráter, em sua honorabilidade, em seu desinteresse absoluto. Em qualquer parte onde se insinua a sombra do interesse, por menor que seja, tem-se o direito de suspeitar. A fraude é sempre condenável, mas quando

se liga às coisas de ordem moral é um sacrilégio. Aquele que, só conhecendo de nome o Espiritismo, busca imitar-lhe os efeitos, não é mais repreensível que o saltimbanco, ao imitar as experiências do físico. Sem dúvida, mais valeria que tal não acontecesse; mas, na verdade, ele não engana a ninguém, porque não faz mistério de sua qualidade: só esconde os meios. Já o mesmo não acontece com aquele que, falsificando, ilude a boa-fé de outrem com o ignóbil objetivo de especular. É mais que fraude: é hipocrisia, porquanto se dá por aquilo que não é; e é ainda mais culpado se, realmente possuindo algumas faculdades, delas se serve para melhor abusar da confiança que lhe concedem. Mas Deus sabe o que lhe está reservado, talvez ainda nesta vida. Se os falsos médiuns não fizessem mal senão a si próprios, só haveria um meio-mal; o que é mais deplorável são as armas que fornecem aos incrédulos e o descrédito que lançam sobre a questão no espírito dos indecisos, desde que reconhecida a fraude. Não contestamos as faculdades, até mesmo poderosas, de certos médiuns mercenários, mas dizemos que o atrativo do ganho é uma tentação de fraude que deve inspirar uma desconfiança tanto mais legítima quanto não se pode ver nessa exploração um excesso de zelo apenas pelo bem da causa. Ainda que não houvesse fraude, nem por isso a censura deixaria de atingir aquele que especula com uma coisa tão sagrada como as almas dos mortos.

Variedades

AS VISÕES DO SR. O.

Extraímos o seguinte relato do *Spiritual Magazine*, publicado em Londres, em seu número de abril de 1861.

“O Sr. O..., gentil-homem de Gloucestershire, jamais tivera visões até o momento em que veio residir em P..., a 3 de outubro de 1859. Cerca de quinze dias após sua chegada, começou a ver à noite; de início eram raios de luz, que vinham iluminar o seu

quarto, passando pela vidraça. Prestou-lhe pouca atenção, atribuindo-os à lanterna de um guarda ou a um relâmpago demorado. Todavia, uma noite em que fixava os olhos na parede do quarto, viu formar-se uma rosa e depois estrelas de várias formas. Outra noite viu, na misteriosa luz, dois magníficos anjos com uma trombeta. Nessa noite o Sr. O... se havia recolhido mais cedo que de costume por causa de leve indisposição que sentia. A presença dos dois anjos, que durou um ou dois segundos, fez-lhe experimentar doce sensação, que se prolongou depois de sua partida.

“Na semana seguinte a mesma luz lhe apareceu com a figura de uma criança, a abraçar um pequeno gato. Várias outras figuras igualmente apareceram, mas muito obscuras para serem distinguidas. Em março viu o perfil de uma dama, rodeada de um círculo luminoso; reconheceu sua mãe e exclamou muito alegre: ‘Minha mãe! minha mãe!’ mas logo a visão se desvaneceu. Na mesma noite, viu uma bela senhora, vestida com distinção, chapéu à cabeça.

“Uma ou duas noites depois viu um belo cachorrinho e um meninote. A seguir apareceu-lhe uma luz semelhante à de uma janela, cujo contorno não estava nitidamente delimitado, o que se repetiu quatro vezes e, nas três primeiras, durante cerca de meio minuto. O Sr. O... recolheu-se e procurou adivinhar o sentido dessa visão, imaginando significasse que ele não teria mais que três anos ou três meses de vida. A luz voltou ainda uma vez; o Sr. O... levantou-se e a luz desapareceu ao cabo de um minuto.

“A 3 de abril ele viu uma luz produzindo o efeito de uma fenda luminosa e, no interior do quarto, uma parte do rosto de um homem: só a fronte, os olhos e o nariz eram visíveis. Muito grandes e muito salientes, os olhos o fitavam fixamente; logo desapareceu. Nas datas adiante teve ainda as seguintes visões:

“4 de abril – Rosto e busto de uma dama, sorrindo para duas crianças que se abraçavam. Pouco depois era a parte superior

da cabeça de um homem que o Sr. O... reconheceu, pelo cabelo e pela frente, como um de seus amigos, falecido recentemente; 27 de julho – Uma mão, dirigida para baixo; a princípio apareceu na parede como uma luz fosforescente, tomando gradualmente a forma de mão. Então ele viu a cabeça de um homem idoso, pertencente a essa mão, um passarinho cinzento, de penas claras. O rosto o olhava com ar solene, mas desapareceu; o Sr. O... foi tomado de certo medo e sentiu-se tremer, ao mesmo tempo que experimentava agradável sensação de calor. Viu também um rolo de papel sobre o qual havia hieróglifos; 12 de dezembro – Um pássaro em seu ninho dando de comer aos filhotes; 13 de dezembro – Duas cabeças de leopardos; 15 de dezembro – Forte pancada foi ouvida pela Srta. S... em seu quarto, e que despertou o Sr. O..., profundamente adormecido; 16 de dezembro – Toque de sinos, ouvido também pela Srta. S... Um anjo e uma criança brilhante, que se transformam em flores. Uma cabeça de cervo, com grandes chifres; 18 de dezembro – alguns rostos e dois pombos; 20 de dezembro – Vários rostos de homens, mulheres e crianças; 1^o de janeiro – uma grande embarcação, atrás da qual se ergue gradualmente a cabeça de uma criança, que acaba por voar para frente; 3 de janeiro – Um querubim e uma criança.

“Uma noite ele viu um quadro, representando soberba paisagem, como se fora uma abertura na obscuridade; via prados, campos, árvores, etc.; um homem a passear e uma vaca. A mais bela claridade do Sol iluminava a paisagem. O que há de particular nessas visões luminosas é que muitas vezes a luz clareia todo o quarto, de maneira a deixar ver os móveis como em pleno dia. Quando ela desaparece, tudo retorna à obscuridade.

“O Sr. O... teve muitas outras visões, das quais não teve o cuidado de tomar nota.

Parece-nos que há o suficiente para nos permitir apreciá-las e não pensamos que nenhuma pessoa esclarecida sobre a causa e

a natureza dos fenômenos espíritas possa considerá-las como verdadeiras aparições. Se se reportarem ao primeiro artigo deste número, no qual tentamos determinar o caráter da alucinação, compreenderão a analogia que ela tem com as figuras que muitas vezes se apresentam em estados de sonolência, e que devem ter as mesmas causas; disto estamos convencidos pelo simples fato da multidão de animais que ele viu. Sabe-se que não há Espíritos de animais errantes no mundo invisível e que, conseqüentemente, não pode haver aparições de animais, salvo o caso em que um Espírito fizesse surgir uma aparência desse gênero, com um fim determinado, o que não deixaria de ser sempre uma aparência, e não o Espírito real, de tal ou qual animal²⁵. O fato das aparições é incontestável, mas é preciso guardar-se de vê-las em toda parte e de tomar como tais o jogo de certas imaginações facilmente exaltáveis, ou a visão retrospectiva das imagens impressas no cérebro. A própria minúcia com a qual o Sr. O... revela certas particularidades insignificantes é um indício da natureza das preocupações de seu espírito.

Em resumo, nada encontramos nas visões do Sr. O... que tenha o caráter das aparições propriamente ditas e acreditamos haver muita inconveniência em propagar semelhantes fatos sem os devidos comentários e sem as reservas que a prudência recomenda, porque, sem o querer, estaríamos fornecendo armas à crítica.

OS ESPÍRITOS E A GRAMÁTICA

Um grave erro gramatical foi descoberto em *O Livro dos Espíritos* por um profundo crítico, que nos dirigiu a seguinte nota:

“Leio à página 384, *parágrafo* 911²⁶, linha 23, em vosso *O Livro dos Espíritos*: ‘Há muitas pessoas que dizem: *Quero*; mas a

25 **N. do T.:** Vide a questão 600, de *O Livro dos Espíritos*, e o item 283, de *O Livro dos Médiuns*.

26 **N. do T.:** Grifo nosso. O crítico alude ao parágrafo 911, mas, em verdade, refere-se à pergunta de mesmo número, inserida no Livro III, Capítulo XII, de *O Livro dos Espíritos*.

vontade só lhes está nos lábios; eles querem, porém muito satisfeitos ficam que assim não seja'. Se tivésseis dito: 'Elas querem e ficam muito satisfeitas que assim não seja', não credes que o francês teria lucrado? Eu seria levado a pensar que o vosso Espírito protetor escrevente seja um farsista que vos faz cometer erros de linguagem. Apressai-vos em puni-lo e, sobretudo, em corrigi-lo."

Lamentamos não poder enviar os nossos agradecimentos ao autor desta observação. Mas, sem dúvida, é por modéstia e para se furtar ao testemunho de nosso reconhecimento que ele esqueceu de pôr seu nome e endereço, limitando-se a assinar: *Um Espírito protetor da língua francesa*. Considerando-se que esse senhor, ao que parece, se dá ao trabalho de ler nossas obras, pedimos aos Espíritos bons o obséquio de colocar nossa resposta sob os seus olhos.

Torna-se evidente ser do conhecimento desse senhor que o substantivo pessoa é do feminino e que os adjetivos e os pronomes concordam em gênero e número com o substantivo ao qual se referem. Infelizmente nem tudo se ensina na escola, sobretudo em questões da língua francesa. Se tal senhor, que se declara protetor de nossa língua, tivesse transposto os limites da gramática de Lhomond, saberia que se encontra em *Regnard* a seguinte frase: *Embora essas três pessoas tivessem interesses muito diferentes, eles eram, todavia, atormentados pela mesma paixão*. E esta outra, em *Vaugelas*: *As pessoas consumidas na virtude em todas as coisas têm uma retidão de espírito e uma atenção judiciosa que as impede de ser murmuradores*. Daí a regra que se acha na *Gramática Normal dos Exames*, pelos senhores Levi Alvarès e Rivail, na de Bonifácio, etc.

"Às vezes empregamos, *por silepse*, o pronome *ele* para substituir o substantivo *pessoa*, embora esta última palavra seja feminina. Tal concordância só pode ocorrer quando, no pensamento, o vocábulo pessoa não representa exclusivamente mulheres e, além disso, quando o pronome *ele* está bastante afastado para que o ouvido não seja ferido de modo desagradável."

A respeito do pronome ninguém, que é masculino, encontra-se a seguinte observação: “Entretanto, quando o pronome *ninguém* designa especialmente uma mulher, o adjetivo que a ele se refere pode ser posto no feminino; pode-se dizer: *Ninguém é mais bonita que Rosina* (Bonifácio)²⁷.

Os Espíritos que ditaram a frase em questão não são tão ignorantes quanto pretende aquele senhor. Seríamos mesmo levado a crer que sabem um pouco mais que ele, embora em geral não se melindrem muito com a correção gramatical, a exemplo de muitos dos nossos sábios, que não primam pela ortografia. *Moral*: É bom saber antes de criticar.

Seja como for, para acalmar os escrúpulos dos que não sabem muito, e julgam a doutrina em perigo por um erro de linguagem, real ou imaginário, nós alteramos a concordância na quinta edição de *O Livro dos Espíritos*, que acaba de ser lançada, porque:

...Com boa vontade, aos rimadores audaciosos o uso ainda permite, creio, a escolha entre os dois.

É um verdadeiro prazer ver o trabalho que se dão os adversários do Espiritismo para o atacar com todas as armas que lhes caem às mãos. Mas o que há de singular é que, malgrado a quantidade de setas que lhe arremessam, apesar das pedras semeadas em seu caminho, *não obstante as armadilhas que lhe estendem para fazê-lo desviar-se de seu objetivo*, nenhum meio foi ainda encontrado para o deter em sua marcha e ele ganha um terreno desesperador para os que julgam abatê-lo com piparotes. Depois dos piparotes os atletas de folhetim experimentaram as bordoadas, mas ele nem sequer se abalou; em vez disso avançou mais rápido.

27 **N. do T.:** Para os leitores da língua portuguesa essas lições gramaticais de Allan Kardec só farão sentido se considerarmos que, em francês, os vocábulos *peessoa* e *ninguém* são homógrafos (*personné*).

Dissertações e Ensinos Espíritas

POR DITADOS ESPONTÂNEOS

O PAPEL DOS MÉDIUNS NAS COMUNICAÇÕES²⁸

(Obtido pelo Sr. d'Ambel, médium da Sociedade)

Seja qual for a natureza dos médiuns escreventes, quer mecânicos ou semimecânicos, quer simplesmente intuitivos, não variam essencialmente os nossos processos de comunicação com eles. De fato, nós nos comunicamos com os Espíritos encarnados, da mesma forma que com os Espíritos propriamente ditos, tão-só pela irradiação do nosso pensamento.

Os nossos pensamentos não precisam da vestidura da palavra para serem compreendidos pelos Espíritos e todos eles percebem os pensamentos que lhes desejamos transmitir, sendo suficiente que lhes dirijamos esses pensamentos, e isto em razão de suas faculdades intelectuais. Quer dizer que tal pensamento tais ou quais Espíritos o podem compreender, em virtude do adiantamento deles, ao passo que, para tais outros, por não despertarem nenhuma lembrança, nenhum conhecimento que lhes dormitem no fundo do coração, ou de seu cérebro, esses mesmos pensamentos não lhes são perceptíveis. Neste caso, o Espírito encarnado que nos serve de médium é mais apto a exprimir o nosso pensamento a outros encarnados, se bem não o compreenda, do que um Espírito desencarnado, mas pouco adiantado, se fôssemos forçado a servir-nos dele, porquanto o ser terreno põe seu corpo, como instrumento, à nossa disposição, o que o Espírito errante não pode fazer.

Assim, quando encontramos em um médium o cérebro povoado de conhecimentos adquiridos na sua vida atual e o seu Espírito rico de conhecimentos latentes, obtidos em vidas anteriores, susceptíveis de nos facilitarem as comunicações, dele de

28 N. do T.: Vide *O Livro dos Médiuns*, 2ª parte, capítulo XIX, item 225.

preferência nos servimos, porque com ele o fenômeno da comunicação se nos torna muito mais fácil do que com um médium de inteligência limitada e de escassos conhecimentos anteriormente adquiridos. Vamos fazer-nos compreensíveis por meio de algumas explicações claras e precisas.

Com um médium cuja inteligência atual ou anterior se ache desenvolvida, o nosso pensamento se comunica instantaneamente de Espírito a Espírito, por uma faculdade peculiar à essência mesma do Espírito. Nesse caso, encontramos no cérebro do médium os elementos próprios a dar ao nosso pensamento a vestidura da palavra que lhe corresponda, e isto quer o médium seja intuitivo, semimecânico, ou inteiramente mecânico. Essa a razão por que, seja qual for a diversidade dos Espíritos que se comunicam com um médium, os ditados que este obtém, embora procedendo de Espíritos diferentes, trazem, quanto à forma e ao colorido, o cunho que lhe é pessoal. Com efeito, se bem o pensamento lhe seja de todo estranho, se bem o assunto esteja fora do âmbito em que ele habitualmente se move, se bem o que nós queremos dizer não provenha dele, nem por isso deixa o médium de exercer influência, no tocante à forma, pelas qualidades e propriedades inerentes à sua individualidade. É exatamente como quando observais panoramas diversos, com lunetas matizadas, verdes, brancas, ou azuis; embora os panoramas, ou objetos observados, sejam inteiramente opostos e independentes, em absoluto, uns dos outros, não deixam por isso de afetar uma tonalidade que provém das cores das lunetas. Ou, melhor: comparemos os médiuns a esses recipientes de vidro cheios de líquidos coloridos e transparentes que se vêem nos mostruários dos laboratórios farmacêuticos. Pois bem, nós somos como as luzes que clareiam certos panoramas morais, filosóficos e internos, através dos médiuns, azuis, verdes ou vermelhos, de tal sorte que os nossos raios luminosos, obrigados a passar através de vidros mais ou menos bem facetados, mais ou menos transparentes, isto é, de médiuns mais ou menos inteligentes, só

chegam aos objetos que desejamos iluminar, tomando a coloração, ou, melhor, a forma de dizer própria e particular desses médiuns. Enfim, para terminar com uma última comparação: nós os Espíritos somos quais compositores de música, que hão composto, ou querem improvisar uma ária e que só têm à mão ou um piano, um violino, uma flauta, um contrabaixo ou uma gaita de dez centavos. É incontestável que, com o piano, a flauta ou o violino, executaremos a nossa composição de modo muito mais compreensível para os ouvintes. Se bem sejam muito diferentes uns dos outros os sons produzidos pelo piano, pelo contrabaixo e pela clarineta, nem por isso ela deixará de ser idêntica em qualquer desses instrumentos, abstração feita dos matizes do som. Mas, se só tivermos à nossa disposição uma gaita de dez centavos, ou um instrumento improvisado qualquer, aí está para nós a dificuldade.

Efetivamente, quando somos obrigados a servir-nos de médiuns pouco adiantados, muito mais longo e penoso se torna o nosso trabalho, porque nos vemos forçados a lançar mão de formas incompletas, o que é para nós uma complicação, pois somos constrangidos a decompor os nossos pensamentos e a ditar palavra por palavra, letra por letra, constituindo-se isso uma fadiga e um aborrecimento, assim como um entrave real à presteza e ao desenvolvimento das nossas manifestações.

Por isso é que gostamos de achar médiuns bem adestrados, bem aparelhados, munidos de materiais prontos a serem utilizados, numa palavra: bons instrumentos, porque então o nosso perispírito, atuando sobre o daquele a quem *mediunizamos*, nada mais tem a fazer senão impulsionar a mão que nos serve de lapiseira, ou caneta, enquanto que, com os médiuns insuficientes, somos obrigados a um trabalho análogo ao que temos quando nos comunicamos mediante pancadas, isto é, formando, letra por letra, palavra por palavra, cada uma das frases que traduzem os pensamentos que vos queiramos transmitir.

É por estas razões que de preferência nos dirigimos, para a divulgação do Espiritismo e para o desenvolvimento das faculdades mediúnicas escreventes, às classes cultas e instruídas, embora seja nessas classes que se encontram os indivíduos mais incrédulos, mais rebeldes e mais imorais. É que, assim como deixamos hoje, aos Espíritos galhofeiros e pouco adiantados, o exercício das comunicações tangíveis, de pancadas e transportes, assim também os homens pouco sérios preferem o espetáculo dos fenômenos que lhes afetam os olhos ou os ouvidos, aos fenômenos puramente espirituais, puramente psicológicos.

Quando queremos transmitir ditados espontâneos, atuamos sobre o cérebro, sobre os arquivos do médium e preparamos os nossos materiais com os elementos que ele nos fornece e isto à sua revelia. É como se lhe tomássemos à bolsa as somas que ele aí possa ter e puséssemos as moedas que as formam na ordem que mais conveniente nos parecesse.

Mas quando o próprio médium é quem nos quer interrogar, bom é reflita nisso seriamente, a fim de nos fazer com método as suas perguntas, facilitando-nos assim o trabalho de responder a elas. Porque, como já dissemos em instrução anterior, o vosso cérebro está freqüentemente em inextricável desordem e, não só difícil, como também penoso se nos torna mover-nos no dédalo dos vossos pensamentos. Quando seja um terceiro quem nos haja de interrogar, é bom e conveniente que a série de perguntas seja comunicada de antemão ao médium, para que este se identifique com o Espírito do evocador e dele, por assim dizer, se impregne, porque, então, nós outros teremos mais facilidade para responder, por efeito da afinidade existente entre o nosso e o perispírito do médium que nos serve de intérprete.

Sem dúvida, podemos falar de matemáticas, servindo-nos de um médium a quem estas sejam absolutamente estranhas; porém, quase sempre, o Espírito desse médium possui, em estado latente, conhecimento do assunto, isto é, conhecimento peculiar ao

ser fluídico e não ao ser encarnado, por ser o seu corpo atual um instrumento rebelde, ou contrário, a esse conhecimento. O mesmo se dá com a astronomia, com a poesia, com a medicina, com as diversas línguas, assim como com todos os outros conhecimentos peculiares à espécie humana.

Finalmente, ainda temos como meio penoso de elaboração, para ser usado com médiuns completamente estranhos ao assunto de que se trate, o da reunião das letras e das palavras, uma a uma, como em tipografia.

Conforme acima dissemos, os Espíritos não precisam revestir seus pensamentos; eles os percebem e transmitem, reciprocamente, pelo só fato de os pensamentos existirem neles. Os seres corpóreos, ao contrário, só podem perceber os pensamentos, quando revestidos. Enquanto que a letra, a palavra, o substantivo, o verbo, a frase, em suma, vos são necessários para perceberdes, mesmo mentalmente, as idéias, nenhuma forma visível ou tangível nos é necessária.

*Erasto e Timóteo,
Espíritos protetores dos médiuns*

HOSPITAL PÚBLICO²⁹

(Recebido pelo Sr. A. Didier, médium da Sociedade)

Uma noite de inverno eu seguia os cais sombrios que confinam Notre-Dame. Como bem o compreendeu um poeta, é o bairro do desespero e da morte. Essa região sempre foi, desde o Pátio dos Milagres até o Necrotério, o receptáculo de todas as misérias humanas. Hoje, que tudo se desmorona, esses imensos monumentos da agonia, que o homem chama Santas Casas de Misericórdia, talvez venham a cair também. Eu olhava essas luzes embaciadas que varam paredes sombrias e me dizia: Quantas

29 N. do T.: *L'Hôtel-Dieu*, em francês. Corresponde às nossas Santas Casas de Misericórdia.

mortes desesperadas! que fossa comum do pensamento, que traga diariamente tantos corações mudados, tantas inocências gangrenadas! É lá que têm morrido tantos sonhadores, poetas, artistas ou sábios! Há um pequeno corredor em ponte sobre o riacho que corre pesadamente; é por ali que passam os que não vivem mais. Os mortos são levados, então, para outro edifício, em cuja fachada deveriam escrever como na porta do inferno: Aqui não há mais esperança. Efetivamente, é aí que o corpo é recortado para servir à Ciência, mas é também aí que a Ciência subtrai à fé o menor vestígio de esperança.

Preso de tais pensamentos eu havia dado alguns passos, mas o pensamento vai mais rápido que nós. Fui alcançado por um rapaz, pálido e tiritando de frio que, sem-cerimônia, pediu fogo para o cachimbo; era um estudante de Medicina. Dito e feito; eu também fumava e entabulei conversa com o desconhecido. Descorado, magro e enfraquecido pelas vigílias, fronte vasta e olhos tristes, tal era, à primeira vista, o aspecto desse homem. Parecia pensativo e eu lhe comuniquei meus pensamentos. – “Acabo de dissecar, disse ele, mas só encontrei a matéria. Ah! meu Deus, acrescentou ele com um sangue-frio glacial, se quiserdes vos desembaraçar da estranha doença cognominada de crença na imortalidade da alma, ide ver diariamente, como eu, dissolver-se com tanta uniformidade essa matéria que chamamos corpo; ide ver como se apagam esses cérebros entusiastas, esses corações generosos ou degradados; ides ver se o nada que os apanha não é o mesmo em todos. Que loucura acreditar!” – Perguntei-lhe a idade. – “Tenho 24 anos, disse ele; agora devo deixar-vos, porque faz muito frio.”

Ao vê-lo afastar-se, perguntei a mim mesmo: É isto o resultado da Ciência?

Continuarei.

Nota – Alguns dias mais tarde a Sra. Costel recebeu, em sua casa, a comunicação seguinte, cuja analogia com a precedente oferece notável particularidade.

Uma noite eu seguia pelos cais desertos; o tempo estava bonito e fazia calor. As estrelas de ouro se destacavam no azul sombrio; a Lua arredondava seu círculo elegante e seus nítidos raios iluminavam como um sorriso a água profunda. Os álamos, guardas silenciosos das margens do Sena, erguiam suas formas esbeltas e eu passava lentamente, ora olhando o reflexo dos astros na água, ora o reflexo de Deus na abóbada azulada. À minha frente caminhava uma mulher e, com uma curiosidade pueril, eu lhe seguia os passos, que pareciam regular os meus. Caminhamos assim durante muito tempo. Chegados em frente ao Hospital, cujas fachadas deixavam ver aqui e ali aberturas iluminadas, ela parou e, virando-se para mim, dirigiu-me subitamente a palavra, como se eu fosse seu companheiro. – Amigo, perguntou ela, crês que os que sofrem aqui sofrem mais da alma que do corpo? ou crês que a dor física extingue a centelha divina? – Creio, respondi eu, profundamente surpreendido, que, para a maioria dos infelizes, que a esta hora sofrem e agonizam, a dor física é o descanso e o esquecimento de suas misérias habituais. – Tu te enganas, amigo, retomou ela, sorrindo gravemente. A doença é a suprema angústia para os deserdados da Terra, para os pobres, os ignorantes e os abandonados; ela só deixa no esquecimento os que, semelhantes a ti, não sofrem senão a nostalgia dos bens sonhados e só conhecem as dores idealizadas, coroadas de violetas. Quis falar; ela fez sinal que me calasse e, erguendo a branca mão para o Hospital, disse: Ali se agitam infelizes que calculam o número de horas roubadas pela doença ao seu salário; ali mulheres angustiadas pensam no cabaré que entorpece a mágoa e faz os maridos esquecerem o pão dos filhos; ali, acolá, em toda parte as preocupações terrenas apertam e sufocam o pálido clarão da esperança, que não pode resvalar nessas almas desoladas. Deus é ainda mais esquecido por esses infelizes, vencidos pelo sofrimento, do que no seu paciente

labor; é que Deus está muito alto, muito distante, enquanto a miséria está próxima. Que fazer, então, para dar a esses homens, a essas mulheres, o impulso moral necessário para que se despojem de seu invólucro carnal, não como insetos rastejantes, mas como criaturas inteligentes, ou para que entrem menos sombrios e menos desesperados na batalha da vida? Tu, sonhador; tu, poeta que rimas sonetos à Lua, alguma vez já pensaste nesse formidável problema que só duas palavras podem resolver: caridade e amor?

A mulher parecia crescer e o frêmito das coisas divinas corria em mim. Escuta ainda – retomou ela, e sua grande voz parecia encher a cidade com a sua harmonia – Ide todos, vós os poderosos, os ricos, os inteligentes; ide espalhar uma notícia maravilhosa; dissei aos que sofrem e que estão abandonados, que Deus, seu pai, não mais está refugiado no céu inacessível e lhes envia, para os consolar e assistir, os Espíritos daqueles que eles perderam; que seus pais, suas mães, seus filhos, curvados à sua cabeceira e lhes falando a língua conhecida, ensinar-lhes-ão que além da tumba brilha uma nova aurora, semelhante a uma nuvem que dissipa os males terrenos. O anjo abre os olhos de Tobias; que, por sua vez, o anjo do amor abra as almas fechadas dos que sofrem sem esperança. E, dizendo isto, a mulher tocou levemente minhas pálpebras e eu vi, através das paredes do Hospital, os Espíritos, puras chamas, que faziam resplandecer as salas desoladas. Sua união com a Humanidade se consumava, e as chagas da alma e do corpo eram pensadas e aliviadas pelo bálsamo da esperança. Legiões de Espíritos, mais inumeráveis e mais brilhantes que as estrelas, expulsavam de sua frente, como vapores impuros, o desespero, a dúvida, e do ar, da terra, do rio, escapava uma só palavra: amor.

Fiquei muito tempo imóvel e transportado para fora de mim mesmo; depois as trevas invadiram novamente a Terra; o espaço tornou-se deserto. Quando olhei ao meu redor a mulher não mais estava; um grande tremor agitou-me e fiquei indiferente

ao que me cercava. Desde essa noite chamaram-me de sonhador e de louco. Oh! que doce e sublime loucura a de crer no despertar do túmulo! Mas como é pungente e estúpida a loucura que mostra o nada como única compensação de nossas misérias, como única recompensa às virtudes obscuras e modestas! Qual é, aqui, o verdadeiro louco: o que espera, ou o que desespera?

Alfred de Musset

Após a leitura desta comunicação, Gérard de Nerval dita espontaneamente o que segue, por outro médium, o Sr. Didier:

“Meu nobre amigo Musset terminou por mim. Nós nos havíamos entendido; já que a continuação era exatamente a resposta à primeira parte que ditei, era preciso um estilo diferente e imagens mais consoladoras.”

A PRECE

Enviada pelo Sr. Sabò³⁰, de Bordeaux

Tempestade de paixões humanas, que abafais os bons sentimentos de que todos os Espíritos encarnados trazem uma vaga intuição no fundo da consciência, quem acalmará a vossa fúria? É a prece que deve proteger os homens contra o fluxo desse oceano, cujo seio encerra os monstros horrendos do orgulho, da inveja, do ódio, da hipocrisia, da mentira, da impureza, do materialismo e das blasfêmias. O dique que lhe opondes pela prece é construído com a pedra e o cimento mais duros e, impotentes para o transpor, esses monstros se esgotam em vãos esforços contra ele e mergulham, sangrentos e aflitos, nas profundezas abissais. Ó prece do coração, invocação incessante da criatura ao Criador, se conhecessem tua força, quantos corações arrastados pela fraqueza teriam recorrido a ti no momento da queda! Tu és o precioso antídoto que cura as chagas, quase sempre mortais, que a

30 **N. do T.:** Há três grafias na *Revue*: Sabò, Sabó e Sabo. Ficamos com a primeira, por ser, de todas, a mais freqüentemente citada nesta obra.

matéria abre no Espírito, fazendo correr em suas veias o veneno das sensações brutais. Mas como é restrito o número dos que oram bem! Acreditais que depois de haver consagrado grande parte do vosso tempo a recitar fórmulas que aprendestes, ou a lê-las em vossos livros, tereis merecido bastante de Deus? Desiludi-vos; a boa prece é a que parte do coração; não é prolixa; apenas, de vez em quando, deixa escapar seu grito a Deus em aspirações, em angústias e em rogativas de perdão, como a implorar que venha em nosso socorro e os Espíritos bons a levem aos pés do Pai justo, pois esse incenso é para Ele de agradável odor. Então Ele os envia em grupos numerosos para fortalecer os que oram bem contra o Espírito do mal; assim, tornam-se fortes como rochedos inabaláveis. Vêem quebrar-se contra eles as vagas das paixões humanas e, como se comprazem nessa luta que os deve cumular de méritos, constroem, como a alcione, seus ninhos em meio às tempestades.

Fénelon

Allan Kardec

